



SEM LIMITES

Quem ama educa. Por mais difícil que pareça, a melhor forma de educar é colocar limites com afeto. Entenda-se com isso que os pais devem ter autoridade para impor suas regras e seus limites ao educar, e os professores devem manter as normas e os limites ao ensinar. Por receio ou omissão, os pais ou professores não devem se tornar demissionários de suas funções para orientar e conduzir, na medida certa, crianças e jovens para situá-los como cidadãos no mundo a que pertencem.

Historicamente, a escola e a família têm buscado isoladamente a adequação necessária as mudanças sociais que apresentam cada vez mais desafiadoras e radicais. Nessas mudanças, surgem as alterações de princípios, valores e regras que regem as condutas dos adultos, jovens e crianças, promovendo dúvidas e questionamentos sobre a adequação de limites nas relações entre pais e filhos, professores e alunos.

Conhecemos regras e limites desde nossos primeiros passos. Em suas brincadeiras infantis, as crianças aceitam os limites impostos pelo grupo porque sabem que somente poderão brincar com alguém se criarem uma composição de normas que regem brincadeiras. Dessa forma, conclui-se que a existência de regras é inerente a qualquer interação, seja para brincar, estudar, trabalhar e, em última instância, conviver, refletir aquilo que se vê. Nenhum comportamento é adquirido aleatoriamente, defende o especialista em Psicologia do Desenvolvimento Moral, Yves De La Taille: "As crianças e os jovens são reflexo da sociedade em que vivem e não uma tribo de alienígenas misteriosamente desembarcada em nosso mundo, com costumes bárbaros adquiridos não se sabe de onde". Segundo La Taille, a sociedade precisa de limites, regras e ordem para as condutas de nossos jovens e crianças.

A MEDIDA DIFÍCIL

Sabemos que não é fácil dar limites. A ausência de limites prejudica o desenvolvimento pessoal e os relacionamentos sociais, mas o excesso deles impede o amadurecimento individual. No livro "Limites: três dimensões educacionais", La Taille analisa diferentes concepções sobre o tema.

A primeira delas destaca o lado positivo do "Limite" como o que deve ser transposto. De acordo com o escritor, se acompanharmos o desenvolvimento das crianças já na primeira infância, observamos o empenho que demonstram na tentativa de superar as limitações de sua idade. São movimentos direcionados para ampliar os próprios horizontes, como molas afetivas que buscam conquistar algo que lhes era impossível anteriormente. Como estes, podemos assinalar um grande número de circunstâncias no desenvolvimento do ser humano que, para conquistar algo que o permita evoluir e amadurecer, tem que transpor limites.

Já em "Limite" como o que deve ser respeitado o sentido restritivo de termo remete aos valores que direcionam as condutas sociais. Faz parte do processo educativo e cultural de uma sociedade, e a ausência dessa prática provocaria o retorno ao estado selvagem em que vale a lei do mais forte. Essa concepção de limites nos coloca frente a frente com noção de liberdade, ressaltando que ações são normatizadas em nome da cultura dessa sociedade.

A terceira abordagem de La Taille "Limite" como formação e defesa da fronteira da intimidade enfatiza a necessidade da criança e do jovem construírem um espaço para viver sua intimidade, com a preservação de sua privacidade e seus segredos. São momentos preciosos para desenvolver o conhecimento de si. O fato de compreender que pode esconder algo reforça na criança o sentimento de seu próprio eu. Seria a construção da fronteira da intimidade, um limite móvel cujo lugar está sob o controle do indivíduo, no máximo possível. Reforça a formação da identidade que ocorre no processo de adolecer.

Discussões intermináveis surgem entre pais e filhos em relação à indisciplina dos filhos, que questionam as ordens do que é aceitável ou não em suas condutas. Esses desencontros provocam conflitos que dificultam a convivência familiar. Nas escolas, professores e orientadores queixam-se da impossibilidade de colocar limites em sala de aula e ficam confusos quanto a não permitir certas condutas inadequadas nos outros espaços escolares. Essa falência de regras e de autoridade prejudica sobremaneira o ensino e a aprendizagem.

Fica a questão: onde pais e professores se perderam?

Vamos votar ao tempo. A partir de uma primeira geração de avós, eles educaram seus filhos numa autoridade vertical: os pais falavam e os filhos ouviam e obedeciam, sem questionar se aceitavam ou não. Com isso, a geração que se segue sentiu-se muito reprimida pelo autoritarismo de seus pais, decidindo modificar o sistema educacional de seus filhos. Na tentativa de proporcionar aos filhos a oportunidade que não tiveram, caíram no extremo oposto. Com o receio de serem considerados “quadrados” ou “caretas”, tornaram-se muito permissivos.

O desenvolvimento da Psicologia com o advento das concepções psicanalistas e os esclarecimentos sobre os prejuízos da educação muito repressiva fez surgir idéias como “não reprima seu filho” ou “dê liberdade a seus filhos”, a fim de entendê-los, se tornarem amigos e confidentes.

PRÍNCIPES SOCIAIS

Podemos afirmar que as rápidas mudanças da sociedade causaram grandes desequilíbrios comportamentais nas gerações seguintes. Ao se evitar o uso da autoridade, que estava sendo confundida com autoritarismo, esta geração de pais criou uma geração sem noção de padrões de comportamento e limites, formando, na visão de Içami Tiba, uma geração de “Príncipes” e “Princesas”, com muito mais direitos que deveres, mais liberdade que responsabilidade, mais receber que dar ou retribuir. Habitados a serem tratados como príncipes em suas famílias, as crianças também querem se tornar “príncipes sociais”. E como as dificuldades de relacionamento com os pequenos soberanos extrapolam os espaços familiares e atingem os meios sociais, as escolas, as academias, os acampamentos e outros tantos espaços que eles se inserem promovem mudanças de regras e valores que se tornam padrões de condutas. Por sua vez, alguns professores se omitem porque o aluno representa, em muitas escolas, o cliente a ser atendido. Com essa perda da autoridade, a anarquia se estabelece em sala de aula. O professor responsável em formar um aluno para que se torne um cidadão capaz de atuar de maneira digna e ética em sociedade, não auxilia esse indivíduo e prejudica o seu desenvolvimento.

Para se estabelecer uma relação saudável ao educar alguém é fundamental estabelecer regras claras, pois a autoridade deve existir de forma natural, sem medos ou culpas. Devem ser reconhecidas, espontaneamente, por ambas as partes, tanto por aquele que têm a função de propor regras como pelos que devem atendê-lo. Ao contrário do autoritarismo, que impõe regras sem respeitar as características individuais, provocando mal-estar entre ambas as partes.

Referências:

- Bom Sucesso, edina de Paula. ***Afeto e Limite, uma vida melhor para pais e filhos***. 2. reimpressão. Rio de Janeiro: Dunya editora, 2002.
- De La Taille, Yves. ***Limites: três dimensões educacionais***. 3. ed., São Paulo: Editora Ática, 2003.
- Tiba, Içami. ***Disciplina, Limite na medida certa***. 72. ed., revista e atualizada. São Paulo: Editora Gente, 1996.

Fonte:

***Psique Ciência & Vida – Edição Especial
Ano I nº2***